

BRASIL: ENTRE TEXTOS E IMAGENS¹

Márcia Regina Capelari Naxara
DH – UNESP-Franca

- I -

Tendo em vista o tema proposto para discussão nesta mesa,² tomo em consideração o romance como elemento essencial de formação da sensibilidade moderna, procurando realçar o quanto a literatura, como domínio do sensível, favorece algumas aproximações possíveis para a compreensão das relações de identificação que ocorrem entre indivíduos e grupos de indivíduos (incluindo as identidades nacionais), marcadas pelas singularidades e alteridades em suas figurações narrativas (ficcionais e históricas), em especial com relação às margens e fronteiras entre os chamados (nos últimos séculos) mundos civilizados, em contraposição a tudo que se considera aquém dos patamares civilizáveis, caros pelo espelhamento que proporcionaram e proporcionam quando se trata de constituir e construir processos identitários de reconhecimento de grupos, povos e nações.

Em suas reflexões sobre as diferentes formas pelas quais ocorre o caráter excludente no mundo moderno, Bauman,³ ao corroborar a leitura dual que acentua as diferenças que demarcam o “nós” e os “outros” por fronteiras e margens nem sempre bem delimitadas, realça a figura do “estranho” que, me parece, colabora para a possibilidade de se colocar em questão as leituras duais e rígidas do mundo em suas perceptíveis diferenças. O “estranho” irrompe como aquele que não é necessariamente “bom” ou “mau”, que não é propriamente um dos “nós”, mas também não é o inimigo, não é designado necessariamente como o “outro” embora seja um “outro”; o “estranho” não se acomoda ou se deixa acomodar com facilidade, não é propriamente repellido como um “outro” e também não é, ou dificilmente é, assimilado como “igual”. Figura que parece possibilitar a explosão ou implosão de representações antinômicas e duais como as que prevaleceram no que Bauman denomina modernidade sólida e que prevalecem, sob formas historicamente diferenciadas, na volátil modernidade líquida.

¹ Versão reduzida do texto publicado com o título Pertencimento e alteridade: romance e formação – leituras de Brasil, na coletânea *Figurações do outro* [NAXARA, Márcia, MARSON, Izabel & BREPOHL, Marion (org.). Uberlândia: EDUFU, 2008 (no prelo)].

² “Mal estar” e civilização: leituras de Brasil, coordenada pela Prof^a Dr^a Elizabeth Cancelli.

³ Zygmunt BAUMAN (2000). *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Entre as imagens demarcadoras de fronteiras e margens, que podemos considerar fortes e recorrentes para se pensar o mundo ou os diferentes mundos que o formam, detenho-me na construção que, na modernidade, o dividiu entre civilização e barbárie,⁴ dicotomia que considero importante para as formas como se pensou e se deu a conhecer as diferentes partes que passaram a formar o mundo ocidental e, de forma mais específica, os brasis existentes no que denominamos Brasil – ou melhor, em imagens e detalhes que, de forma recorrente e usual são mobilizadas para dele dizer (historicamente falando). Espaços que, embora múltiplos, são em geral apresentados como duplos e opostos: campo e cidade; sertão e cidade... e seus corolários, todos sempre referidos à oposição maior e mais abrangente. No entanto, são espaços inúmeros, como inumeráveis e diversas são as cidades e sertões, para não dizer das não menos inumeráveis apresentações e representações dos mesmos ao longo do tempo. Espaços que podem ser multiplicados ao infinito e sempre serem reconstruídos nas suas aparências e sensibilidades.

Como fio condutor, procuro avaliar algumas construções imagéticas caras e poderosas para a apreensão do Brasil, tendo em vista as qualificações que lhe conferiram visibilidade e contribuíram historicamente para a formação das sensibilidades que permitem, também historicamente, visualizá-lo, apresentá-lo e representá-lo; além de exercerem força agregadora dos sentimento(s) de pertencimento, em grande parte vinculados às identidade(s) nacional(ais). Sentimentos que são, via de regra, remetidos a símbolos, signos e imagens que ganham força de representação hegemônicas, ainda que de difícil definição, tanto pelas ambigüidades que comportam, como pela sua variabilidade e mobilidade no tempo e no espaço. Representações que acumulam camadas, qual um palimpsesto, que não têm lugar categoricamente definido, possuindo margens e fronteiras fluidas, em constante oscilação; margens e fronteiras móveis, que delineiam (de forma não estanque) lugares, não lugares e entre-lugares – entre-lugares em que ganha destaque a oposição cidade/campo e, se singularizamos o Brasil, até na perspectiva dos imaginários já construídos e em construção, a dualidade cidade/sertão.

Esta a figuração que interessa reter – o sertão como imagem central e de difícil definição, ou mesmo indefinível, quando se trata de interpretar o Brasil ou, o outro de um Brasil que se quer civilizado. Um Brasil em que, via de regra, preponderaram (e ainda preponderam), como formas de representação predominantes, imagens textuais e pictóricas que realçam a natureza ou a sua aproximação, procurando retratar seus diversos e diferentes

⁴ É importante considerar a ambivalência das oposições e, no caso específico, das imagens construídas em torno do par civilização e barbárie. As reflexões aqui desenvolvidas ancoram-se, em grande parte, em *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed. UnB, 2004.

mundos interiores, tomados por mais característicos (por vezes exóticos) e capazes de dar a conhecer o país naquilo que se considera ele tem de específico e autêntico e, em grande medida, em sobreposição aos seus espaços ditos e reconhecidos como civilizados.⁵ Pares antinômicos – cidade e sertão – que foram lidos, historicamente, como dualidade e oposição (irremediável?) entre civilização e barbárie, com o bem e o mal (amigo/inimigo), princípios básicos de alteridade localizados, ora num, ora no outro lado, dependendo do ponto de vista ou do momento. Espaços, os dos diferentes e diversos sertões, que constituem noções fugidias, móveis e sediças, aproximando-se e indo além da relação cidade/campo e da sua lógica dual: indago, justamente, se o sertão não constitui nesse cenário a figura de estranhamento, da ausência de precisão na composição dessa leitura de opostos que adquirem significado um na relação com o outro, e capaz, nesse estranhamento, portanto, de constituir o elemento que poderia levar à implosão da razão dual a partir da qual o Brasil tem sido pensado.

O tema nos conduz, também, para as inumeráveis, constantes e infindas interpretações do Brasil, numa já longa tradição literária e historiográfica de produção de “retratos do Brasil”, bastante interessante no que diz respeito à aproximação entre literatura e história e à formação de sensibilidades para os seus enormes contrastes, oposições e diferenças, a propósito dos nossos longos caminhos e descaminhos de procura de “identidades inconclusas”. O distanciamento entre os pólos dicotômicos possibilitou pensar, também, não somente o inconciliável entre os pontos extremos, por mais que a aproximação fosse desejada, mas aquele existente entre as instituições (em especial políticas) e a realidade social, permitindo apontar limites à concretização de teorias e práticas que, gestadas em outro “lugar” não se adequariam ao solo nacional; de modo similar, a criação/criatividade, as idéias e teorias também desembarcavam já prontas, chegadas de “fora”, produzidas nos ambientes civilizados, cabendo a nós, brasileiros, limitarmo-nos a cópias e imitações quase sempre imperfeitas.⁶

Em seu recorte, na referência a autores importantes que se inserem nessa tradição de produção de “retratos do Brasil”, em *grandesertão.br*,⁷ Bolle reconhece e afirma *Grande*

⁵ Procurei trabalhar essa predominância do mundo interior em representações do Brasil nos textos Um pouco de prosa sobre os muitos brasis, a sair pela EDUFU, na coletânea organizada por Joana Muylaert de ARAÚJO, *A escrita literária: teorias, histórias e poéticas* – Imagens do Brasil em prosa e verso, histórias sem data, lugares à margem; e Historiadores e texto literário. *História. Questões e Debates*. Curitiba, n.44, 2006.

⁶ Stella BRESCIANI. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo; Ed.UNESP, 2005.

⁷ Willi BOLLE. *grandesertão.br: O romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004. Para o autor, *Grande Sertão: Veredas* reconstrói *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e seu argumento coloca em comparação as formas pelas quais Guimarães Rosa e Euclides da Cunha realizam interpretações do Brasil, tendo em vista definir *Grande Sertão* como “o romance de formação do Brasil”.

Sertão: veredas, como síntese dessa busca, até pela reafirmação dos desencontros do país consigo mesmo, tendo em vista o abismo que separa os seus contrastantes espaços/lugares sociais (o autor utiliza a noção de classe). Chama a atenção para a forma narrativa, ou melhor, para a construção do texto de Guimarães: discurso labiríntico, fragmentado, que aproxima a uma memória afetiva ao dizer de um espaço natural que é o sertão – “O sertão como forma de pensamento”⁸ – que o autor associa ao hipertexto, com seus inúmeros caminhos e possibilidades (links e conexões) a trilhar, o que me parece pertinente para pensar a quebra da dualidade e a abertura de novas possibilidades, não somente para a narrativa, mas também para a compreensão do mundo e para a possibilidade de diálogo entre suas diferenças, entre um ou vários nós e um ou vários outros.

Bolle afirma, ainda, que *Grande Sertão* não encerra nem fecha a busca incessante de quem somos e como nos reconhecemos como Brasil, questão que, ao que tudo indica, permanece em aberto, assim como o contínuo estar em formação. A incompletude, assim como a reiterativa remissão para as possibilidades projetadas num futuro sem tempo permanecem, atravessando o tempo. Pode-se reconhecer, no entanto, que o cerne da interpretação é alterado: de dual, o mundo – cidade e sertão –, torna-se múltiplos, assim como múltiplos, complexos e estranhos nos aparecem as personagens de Guimarães Rosa. Cidade e sertão continuam a ter existência concreta em sua tensa antinomia, mas a escala de valores, de referência mútua como processos de identificação e des-identificação torna-se outra, o pêndulo oscila não mais entre civilização e barbárie, mas entre mundos que são simultaneamente diferentes e complementares e diversos. O deslocamento produz outras diferenças, plurais.

Essa nova perspectiva de compreensão dos espaços/tempos talvez possa ser sintetizada na poética rosiana – “o sertão é de noite”, “o sertão está em toda parte”.

- II -

Centro as reflexões na novela (conto/poema) “Buriti” de Guimarães Rosa, narrativa cuja história possibilita retomar, ou melhor, tomar por um novo ângulo, uma das inquietações centrais a que venho me dedicando já de longa data – as inúmeras e diferentes possibilidades de manifestação da grande oposição civilização/barbárie, bem como as formas pelas quais são

⁸ “O sertão como forma de pensamento” é título do capítulo II do volume, em que o autor aborda o discurso labiríntico e a narração em forma de rede de Guimarães Rosa, assim como a idéia do romance de aprendizagem/formação, como romance social. Idem, *ibidem*, p.47-90. Citações p.84.

representadas “neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira”.⁹ O recorte considera um pequeno pedaço da “terra inteira” – no Brasil – e coloca em cena a dualidade cidade/sertão, deixando clara a complexidade e fragmentariedade para o entendimento das especificidades dos dois múltiplos e complexos espaços, bem como das relações que entre si estabelecem, com uma predominância e peso significativo para o lado do sertão. Interessa verificar como, em meio à narrativa desses espaços/lugares que tecem vínculos estreitos com relação aos personagens, em geral definidos na sua reciprocidade de contrários, não há, necessariamente, caráter de depreciação de um ou outro lado, mas o conhecimento (não necessariamente compreensão) das formas pelas quais ocorre o movimento e a atribuição de valores, signos e significados relativos a cada um dos ambientes, assim como aos tipos sociais que neles habitam e que se dão a compreender na relação de contrários, em temporalidades simultâneas embora não idênticas, ou melhor, não aproximadas. Parece-me que, na forma como é construída a narrativa, quebra-se a rigidez dicotômica e acentua-se a complexidade do caminho existente entre os extremos – civilização/barbárie; cidade/sertão – apreendidos e narrados como espaços ambivalentes. Ambos espaços onde um pode se perder.

É fundamental notar, justamente, as diferentes interpretações dadas à relação de aproximação/distanciamento que ganham existência somente na confrontação com o outro, que lhe é estranho (não necessariamente oposto), sem que se coloque necessariamente o estabelecimento de hierarquias, mas o reconhecimento da diferença, do outro como portador de características próprias e, nem por isso, menor. É a proximidade promovida pelo pensamento e pela escrita que diferencia e identifica os espaços/lugares e os homens que os habitam, dando a compreender universos e valores que podem ser aproximados e se aproximam de forma mais ou menos tensa. No caso, os espaços contrapostos e complementares da cidade e do sertão, são nomeados e tratados de forma a retirar a relação do campo de oposições a serem lidas privilegiadamente pela dicotomia civilização/barbárie, sendo apresentados pelas diferenças que os caracterizam, bem como as pessoas e suas interações; contato com o(s) outro(s) que acentua as oposições, sem desqualificação. Guimarães busca fazer sentir ao leitor, em especial, as “noites do sertão”, seu isolamento, sua quietude, suas sombras e luzes, suas histórias.

Na incerteza de alcançar a clareza necessária, parto da idéia de que os lugares caros às demarcações identitárias encontram meio de expressão e definição em suas relações recíprocas, mais pelo que falta com relação ao outro (tomado como comparação, mas não necessariamente como medida) do que pelo que lhe dá existência em si mesmo – a

⁹ João GUIMARÃES ROSA. (1956) Buriti, In: *Noites do Sertão*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Trecho de epígrafe, de Plotino, utilizada pelo autor.

falta/ausência adquire lugar primordial nas definições identitárias, até pelas possibilidades de delas dizer por meio da linguagem e das palavras – um dos lados marca e demarca sua presença e identificação no e por meio do outro; na relação com o outro. A somatória de falta/ausência e presença – completude e incompletude – na leitura de que um lado que possui o que ao outro falta, constitui elemento intrínseco à construção de signos identitários, a partir de onde se define(m) o(s) lugar(es) e a relação a partir da qual um possibilita e complementa a leitura do outro, acentuando ou amenizando diferenças, não necessariamente por meio da desqualificação. O que confere existência e reconhecimento de si é a constatação mesma de aproximação (reconhecimento) e/ou distância (estranhamento) do outro, contribuindo não somente para a formação das subjetividades individuais, mas grupais e nacionais.

O contato com a produção ensaística, literária e historiográfica sobre o Brasil da segunda metade do século XIX e primeira do século XX tem colaborado para aumentar a percepção e as representações de um Brasil interior que se perde em distâncias e diversidades que, não poucas vezes, puderam ser lidas como descompasso e desacerto em relação aos caminhos da civilização e da cultura ocidentais, demarcando a predominância da idéia de um Brasil que, ao buscar o estabelecimento de identidades próprias – nacionais ou locais – capazes de estabelecer sentido de interpretação para a nação, de forma a aproximá-la do “mundo civilizado”, acabou pela reiteração constante do cenário natural maravilhoso, exuberante, pleno de potenciais inexplorados e por conhecer, explorar e fruir, tendo em vista a construção de imagens, quase o sempre projetadas como ideais e futuras, sem um tempo determinado, ou seja, sempre em contínua formação.¹⁰

Contrapõe e simultaneamente desorganiza a dicotomia e o estranhamento a forma pela qual Guimarães Rosa traz à luz e leva, num discurso labiríntico, fragmentário,¹¹ o leitor a caminhar pelas veredas de alguns dos inúmeros e estranhos sertões – como outro(s) lugar(es) que povoam e fazem o Brasil. A história narrada, com já anunciei, é a do conto “Buriti”¹² – em que a fazenda Buriti Bom é apresentada ao leitor como cenário privilegiado, como um dos “palcos múltiplos” da terra, em que as diferenças e diferentes podem se encontrar. Logo no início,

“... Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe. Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entretanto, desejava que de

¹⁰ A propósito, ver *Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX*. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001, p. 431-455.

¹¹ Willi BOLLE. Op.cit.

¹² João GUIMARÃES ROSA. (1956) Buriti, In: *Noites do Sertão*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

coração o acolhessem. Receava. Era um **estranho**; continuava um **estranho**, tornara a ser um **estranho**?”¹³

Chamo a atenção para a insistência com relação à figuração do estranhamento, até porque, a seu modo, todos e cada um dos personagens colaboram, na novela, pelas suas características de serem e parecerem estranhos uns aos outros, entre si, e simultaneamente ao leitor, que vai sendo esclarecido sobre os modos e jeitos de ser do sertão, apresentados como específicos, singulares, e alheios aos da cidade, ainda que pensados na sua relação e sempre a ela referidos, em movimentos de contraposição, mais de afastamento que de proximidade.

O ponto alto da narrativa, no meu entender, está na sua forma poética, capaz de compor o ambiente em que o sertão e a vida sertaneja assomam e assumem papel de primeira grandeza, na formulação de um “sertão que está em toda parte” e em lugar nenhum – que não é lugar físico somente, mas construído histórica, poética, literária e imagetivamente, como se formado por silêncios povoados de sinais: “Quando se vem vindo sertão a dentro, a gente pensa que não vai encontrar coisa nenhuma”.¹⁴

O conto tem início com a aproximação de Miguel, anunciando seu retorno após aproximadamente um ano de ausência. O recurso utilizado pelo autor na primeira parte da narrativa é o da rememoração de Miguel, realizada durante o caminho, a propósito da sua primeira estadia e conhecimento do Buriti Bom. Ele, que em sua primeira passagem, havia tocado o coração de Maria da Gloria, Glorinha, sertaneja, filha de iô Liodoro, que vivia, bem, no isolamento da fazenda no sertão – espontânea, “cadeiruda e seiuda, com olhos brilhantes e pele boa e pernas grossas – como as mulheres bonitas no sertão tinham de ser”.¹⁵ Além dela, seu pai, iô Liodoro, viúvo, tipo do sertanejo circunspecto, pouco expansivo, que exalava sua autoridade; uma outra filha, mais velha, Maria Behu, de bom coração, feia, que rezava quase todo o tempo; e Lalinha, Lala, Leandra, moça da cidade – “das mais mimosas prendas (...) moça-de-corte, dama do reino, sinhá de todo luxo – e linda em dengos, que nem se inventada a todo instante diante dos olhos da gente. Mulher de iô Irvino, mas desdenhada.”¹⁶ – que havia sido abandonada por Irvino, filho de iô Liodoro, indicado somente indiretamente como sombra que pesa sobre o ambiente, numa espera infinda. Não muito longe, mas na outra margem do rio, num afastamento isolado, também provocado por alteridades (in)compreendidas, o outro filho, Ísio, casado com ià-Dijina, mencionada somente indiretamente, também presença ausente na casa em que não é recebida. Completam o quadro o compadre Nho Gualberto Gaspar (nhô Gual, nhô Gaspar), vizinho que dá voz ao narrador

¹³ João GUIMARÃES ROSA. Op.cit., p. 91. (grifo meu)

¹⁴ Ibid., p. 99.

¹⁵ Ibid., p. 152.

¹⁶ Ibid., p. 102.

em boa parte do texto; e o Chefe Zequiel (ou Zequiel, o Chefe), figura do estranhamento maior, insone, “que ouvia, ouvia tudo, condenado”,¹⁷ podia dizer “sem errar, qual é qualquer ruído da noite, mesmo o mais tênue”;¹⁸ além de algumas outras referências menores de gente mais ou menos próxima, a justificar, por exemplo, as saídas do iô Liodoro nas madrugadas.

Para além de todos os tipos humanos contemplados na narrativa, o sertão é o cenário dominante e interveniente, qual personagem central para a trama da história, que confere significado, dá o ritmo e ambienta a ação, centrada (não completamente) em Lalinha (Lala, Leandra), moça da cidade que, subitamente foi levada a conviver no sertão, num estranhamento (que é mútuo) com os demais personagens a ele afeitos. Na narrativa, a sensualidade – uma sensualidade que brota da natureza – ganha centralidade, sempre sugerida, vai tomando conta dos personagens. Sensualidade à flor da pele, tensão sensual, não necessariamente amorosa, que permanece ativa e perpassa grande parte (senão toda) a narrativa: nhô Gualberto e seus olhares cobiçosos sobre Glorinha; a tensão carinhosa que perpassa parte das aproximações entre Lalinha e Maria da Glória; o clímax que aproxima, também de forma estranha, Lalinha e iô Liodoro. Tensão que se desfaz ao final, ou se acomoda, com a chegada de Miguel ao Buriti Bom, momento em que a narrativa é suspensa e tudo o que possa vir é deixado à imaginação do leitor.

Lalinha estranha o sertão e é estranha ao estranho sertão que a estranha.

A caracterizar os ermos dos sertões predominam, em Guimarães, os seus significativos silêncios e rumores. Na sua indicação, de que o sertão deve ser mais sentido que pensado, o ambiente se sobrepõe aos homens, que o aprendem e apreendem pela sensibilidade: bastava “a gente guardar um pouco de silêncio, e o confuso de sons rodeava, tomava conta”; à noite, hora em que se falava menos, “em voz baixa, mesmo sem ser de propósito”, (...) “todos ficavam escutando o corpo de noturno rumor, descobrindo os seres que o formam. Era uma necessidade. **O sertão é de noite. Com pouco, estava-se num centro, no meio de um mar todo.**”¹⁹

Tomo tão somente alguns trechos significativos. O momento em que Lalinha é apresentada ao leitor é interessante do ponto de vista da figuração cidade/sertão e do estranhamento então experimentado:

“Dona Lalinha é uma linda mulher, tão moça, como é possível que o marido a tenha abandonado? Nela não se descobre tristeza, nem sobra de infelicidade. Parece uma noiva, à espera do noivo. Vê-se, é pessoa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa. **Cidade: é para se**

¹⁷ Ibid., p. 122.

¹⁸ Ibid., p. 99.

¹⁹ Ibid., p. 92 (grifo meu).

fazerem princesas. Sua feição — os sapatinhos, o vestido, as mãos, as unhas esmaltadas de carmesim, o perfume, o penteado. Tudo inesperado, tão absurdo, a gente não crê estar enxergando isto, aqui nas brenhas, na boca dos Gerais. Esta fazenda do Buriti Bom tem um enfeite. **Dona Lalinha não é de verdade. No primeiro dia, pensei que ela não tivesse o juízo normal, e por ser louca a deixavam assim.**²⁰

Os perfis dos personagens aparecem, na sua maior parte, narrados pelos seus contrários, acentuando as formas complexas de manifestação dos desejos dos homens. O contraste aparece nas falas do narrador que se expressa, em grande parte, por meio do personagem nhô Gualberto que conta, simultaneamente ao leitor e a Miguel, o que é e quem são os moradores do Buriti Bom:

Ao leve quisesse criticar, achava também que aquele luxo constante de Dona Lalinha chamava a atenção demais, não assentava bem com o sertão do lugar, com o moderamento regrado, simplicidade nos usos. Uma vez, da porta, ele avistara dentro do quarto dela: com cadeirinhas diferentes, e os cortinados, fileira de vidros de cheiro na cômoda baixa, e no chão capachado até um tapete. Semelhava tivessem exportado para ali um aconchego de cidade. **No que a cidade e o sertão não se dão entendimento: as regalias da vida, que as mesmas não são. Que aqui no sertão, um, ou uma, que muito goza, como que está fazendo traição aos outros.**²¹

Miguel, que também vem de fora, que surge como “estranho”, guarda uma relação ambígua com o sertão. Do contato vai reconhecendo sua origem, também sertaneja, dos confins dos Gerais, que, por algum motivo não esclarecido, quer “deslembrar” dado o longo trato com a vida da cidade.

Contra o sertão, Miguel tinha sua pessoa, sua infância, que ele, de anos, pelejava por deslembrar, num esforço que era a mesma saudade, em sua forma mais eficaz. **Mas o grande sertão dos Gerais povoava-o, nele estava, em seu amor, carnal marcado.** Então, em fim de vencer e ganhar o passado do presente, o que ele se socorrera de aprender era a precisão de transformar o poder do sertão – em seu coração mesmo e entendimento. Assim na também existência real dele sertão, que obedece ao que se quer.²²

Há inúmeros trechos em que aparece com grande força o poder do sertão, no que o aproxima de um mundo sem tempo ou portador de uma outra temporalidade, sempre a ser apreendida. Como vimos, no trecho acima, a idéia de que “o grande sertão povoava-o, nele estava (...) em seu coração mesmo e entendimento”; mais adiante, sua aproximação à lenda, a um mundo

²⁰ Ibid., p. 93 (grifo meu).

²¹ Ibid., p. 104 (grifo meu).

²² Ibid., p. 105 (grifo meu).

sem tempo. O Buriti Bom é o sertão: “Triste é a água e alegre é. Como o rio continua. Mas o Buriti Bom era um belo poço parado. **Ali nada podia acontecer, a não ser a lenda**”.²³

O risco de se perder nesse mundo sem tempo, ou com um tempo outro, é manifestado por Lalinha nas reflexões em que indaga da sua permanência num lugar que não é o seu, em que é estranha, por vezes invisível, pois percebida somente pela possibilidade do retorno do outro, Irvino, que a havia abandonado. É a presença dele que a família aguarda e para quem guarda a ela, Lalinha. Seus sentimentos aparecem na necessidade de “ir-se embora dali, voltar para sua casa, para perto de suas amigas, na cidade...”, ou seja, de buscar-se.

O lugar se pegava à mão, calava os rumores campeiros. Dando-se àquele serão cismoso, de repente ela desconfiava, teria pudesse da cidade se esquecer, de sua vida de antes, de tudo o que pensava fosse seu. Alterava-a mais a mais a **estranhez** de versos fora do tempo – seu triste – porque a tristeza chega sempre estranha.²⁴

As citações e trechos são excertos – pequenas amostras – da poética prosa de Guimarães Rosa, leitura que fascina o leitor pela entrada num mundo imaginário e aparentemente impossível, em entre-lugares situados em ou entre margens e fronteiras não definidas, indefiníveis mesmo, também aparentemente sem tempo em que, no entanto, tudo tem um tempo para acontecer e acontece com grande intensidade.

Para encerrar ênfase o sentimento de estranhamento manifestado ao final da novela que, no entanto, não é fechada ou encerrada pelo autor. Indagações permanecem soltas... a indicar novos caminhos e possibilidades. O texto é forte e chama a imaginação naquilo em que o não conhecido pode conter de ameaça, manifestada na idéia de contágio e possibilidade de desestabilização. Podemos, ainda, avaliar a relação marcada pelo diálogo entre presente e passado, pela necessidade de encontrar lugar para as coisas no mundo, ou melhor, para pensá-lo e lhe dar inteligibilidade. Questão em que a história ocupa um lugar de primeira grandeza – para historiadores e não historiadores – pela constatação de que os indivíduos e coletividades que vivem um tempo (ou vários tempos em sua possível simultaneidade) buscam incessantemente no passado a atribuição de significados para alimentar, pensar e dar sentido ao presente.

* * *

²³ Ibid., p. 140 e 237 (grifo meu).

²⁴ Ibid., p. 172 e 194 (grifo do autor).